

ARTE, LITERATURA E AFETO: LEITURA E SIGNIFICADOS

Amanda Gomes do Amaral (G – UEL)¹⁸

RESUMO: Com o intuito de trocarmos conhecimentos a respeito das experiências em projetos fora do ambiente acadêmico, este artigo traz um relato sobre o processo de leitura e da construção dos afetos no projeto “Leitura criativa como direito à infância e à adolescência”, que ocorre desde 2016, no Lar Anália Franco de Londrina. Segundo Candido (1989), a literatura comporta-se como um instrumento apropriado para a instrução e a educação, ela diz respeito aos domínios tanto do intelectual quanto do afetivo, sendo assim, o objetivo do projeto é propiciar o contato entre adolescentes e a literatura para que o sujeito possa se (re)construir subjetivamente. Refletiremos sobre as dificuldades e os métodos usados no projeto e sobre os relatos de extensionistas a respeito de algumas leituras.

Palavras-chave: Leitura; literatura; subjetividade.

¹⁸ amanda_amaral@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Para compartilhar minhas experiências no projeto de extensão “Leitura criativa como direito à infância e à adolescência”, fiz uma breve retomada do percurso dele até os dias de hoje. Esse projeto teve início no começo de 2016 e diz respeito à ideia de encontros com o objetivo de proporcionar o acesso à literatura através da mediação de leituras compartilhadas. Usamos como base teórica três principais nomes para nos orientar no momento de encarar a leitura e os sujeitos: Antônio Candido (1995), pertinente quanto ao modo de encarar a leitura como experiência indispensável aos seres humanos; Michele Petit (2008), que é mais específica quanto à relação propícia entre texto literário e adolescentes que de alguma maneira encontram-se em situação de risco, pois a literatura pode ser um meio de integração social e cultural; e Todorov (2010), que associa a literatura e sua leitura com um caminho para ressignificar nossas próprias experiências subjetivas relacionando-as com as de terceiros, ou seja, a literatura pode servir como entendimento sobre o outro e sobre o próprio sujeito leitor.

Acho importante ressaltar que como lidamos com a leitura, não conseguiria contar aqui em toda sua totalidade e subjetividade os encontros que tivemos durante esses mais de dois anos, então farei um recorte que entrelaça os momentos mais significativos do projeto, tanto as dificuldades quanto os sucessos.

DESENVOLVIMENTO

No começo, o projeto possuía duas vertentes: uma com os alunos do Centro de Educação Infantil do Lar Anália Franco (CEI tio Pedro) e outra com adolescentes abrigados nesse mesmo lar por motivos judiciais. Percebemos que os objetivos com os alunos da CEI foram contemplados, a situação era totalmente favorável, alunos esperando os extensionistas, professoras participando das atividades, horários fixos

toda semana, sala preparada, todos os aspectos encontravam-se favoráveis; enquanto a segunda vertente lidava com algumas dificuldades. Insistimos em continuar com os adolescentes, pois o número de atividades voltadas para eles é consideravelmente menor do que as voltadas para as crianças. A estrutura do lar é de cinco casas-abrigo, quatro com os abrigados, e 1 com os técnicos, psicólogos e coordenadores. De início, nos cederam uma salinha longe das casas dos adolescentes, a única que não era uma moradia, propriamente dita. Fizemos uma arrecadação de livros como trote do curso de Letras da UEL, uma triagem para ver quais eram literatura e quais não, e montamos nossa biblioteca, uma estante com grande variedade de gêneros.

Os primeiros a fazerem contato com a gente foram as crianças, as leituras com eles aconteciam com facilidade, interpretações, desenhos e risadas. Começamos a perceber o movimento dos adolescentes de irem até nossa salinha, olharem e não entrarem, mesmo com o convite de todos, seja nosso ou dos psicólogos que nos ajudavam no começo, indo até eles, fazendo uma ponte enquanto não tínhamos nenhum vínculo. Deduzimos dois dos principais motivos desse gesto de irem até a porta e desistirem: descobrimos que a mesma sala era local onde as visitas dos parentes aconteciam (não era um ambiente “estável”, a sala poderia suscitar não só momentos agradáveis) e a presença das crianças criava uma certa barreira.

Depois de alguns meses, lidávamos com alguns problemas iniciais: longa espera no portão para podermos entrar no Lar, o que mostrava que ainda estávamos num terreno instável de afirmação frente à instituição; a forte demanda das crianças e o afastamento dos adolescentes, e o local pouco confortável para nossos encontros. Para nos afirmarmos como projeto fixo ao olhar da instituição, seria apenas o tempo nosso aliado nessa questão. E ele foi: hoje somos reconhecidos como encontro semanal. Sobre como chegarmos mais perto dos adolescentes, decidimos povoar o lar. E o que seria isso? Espalhamos pelas casas, pelo parquinho, pelos muros, intervenções literárias, trechos de poemas, crônicas, contos, imagens de algumas artes plásticas, músicas.



A resposta à nossa intervenção foi positiva, fomos percebidos por todos: mães sociais (que são as cuidadoras de cada casa), técnicos e adolescentes nos contaram que

fizeram uma caça ao tesouro para descobrirem todos os lugares que sofreram nossas intervenções. Montamos também a caixa das preciosidades: nela colocamos papéis, lápis, borracha e um pequeno recado com um formato instigante: “Deixe aqui: () um poema (X) qualquer coisa que você queira dizer.” Dentro dela poderiam deixar qualquer coisa, assinando ou não. Encontramos perguntas sobre a diferença entre poema e poesia; reflexões sobre a vida; a morte e as amizades.

Os encontros continuavam com poucos adolescentes. Quando eles aconteciam, conseguíamos introduzir a leitura de poemas e de prosa. Poe nos ajudou muito nisso porque o terror sempre foi e ainda é o gênero favorito dos adolescentes do Lar. Entretanto, alguns que iam numa semana não iam em outras, tudo continuava muito instável. Tivemos então a ideia dos “convites-poema.”



Agora que já tínhamos nos encontrado no mínimo uma vez com cada adolescente, escolhemos trechos de poemas e de músicas para colocar no convite de cada um, conforme o perfil do adolescente (se gostava de terror, de funk, de rap, de

fantástico, de causos populares). Cada envelope tinha o nome do adolescente, convidando-o para nosso encontro, lentamente íamos para o âmbito do pessoal, um terreno pouco povoado para a maioria dos que participam, e com forte solicitação vinda dos adolescentes.

O ponto crucial do nosso projeto foi, com certeza, a mudança de local: a salinha era marcada por um caráter institucional ou escolar, estávamos ao lado dos psicólogos, eles são os que cuidam de questões burocráticas e resolvem os problemas maiores. Tínhamos que estar num ambiente mais íntimo, para quebrar a barreira invisível que aquela sala criou. E onde seria melhor do que em suas próprias casas? Mudamos o horário e habitamos um espaço esquecido, uma salinha na casa 3 (das meninas). Era um desafio não ter um local para a solidão da leitura. Há leituras que não pedem o compartilhamento, e a sala de leitura foi montada pensando nisso também. Além de ser o local dos nossos encontros, ela também é a possibilidade de se afastar quando necessário; considerando a condição em que as meninas se encontram de compartilhar o quarto, a configuração de um lar é necessariamente dificultosa para a solidão.



Ampliamos a ideia de leitura, passamos a assistir filmes conforme as temáticas sugeridas pelas adolescentes. Durante os filmes, as relações foram se estreitando, começamos a perceber um grupo bem definido, talvez por todas as colaboradoras do

projeto serem mulheres, a maioria de adolescentes que tem comparecido aos encontros também são mulheres. Começamos então a intercalar: numa semana víamos um filme com temática específica e na outra semana líamos algo da mesma temática. Mostrar uma diversidade de obras literárias com temas parecidos aos filmes nos deu espaço para indicar temas específicos também, o sentido deixou de ser unilateral, e passamos a ter trocas, tanto de experiências quanto de gostos e indicações. Um grande tema perpassava por todos os outros temas periféricos: o feminino. A partir daí, começamos a levar poesia, prosa e autoras brasileiras contemporâneas.

Segundo Barthes, “O espaço caseiro retira do livro qualquer função de parecer social, cultural, institucional.” (BARTHES, 2005, p.36) Criar aquele espaço trouxe os livros para perto delas. De início eles ainda eram objetos muito estranhos. Após a introdução dos filmes, os livros começaram a se espalhar pela casa, pelas camas, pelo sofá, pela cozinha. Aos poucos o objeto foi deixando de ser tão anormal. Nada foi passado como obrigação, como uma atividade a ser cumprida; tudo foi inserido com naturalidade e sem forçar nada.

Chegamos num ponto do projeto que assumimos nosso papel de colaboradoras também afetadas. Quando trabalhamos com literatura e leitura compartilhada, não negamos a vertente que se instaurou aos poucos no projeto: não há vínculo parcial, é extremamente necessário o vínculo de ambos os lados, assim cria-se o espaço para segurança e para o afeto, e com esses elementos, a subjetividade compartilhada ganha corpo. Quando estamos no âmbito do subjetivo, da arte sendo matéria para uma apropriação da própria vida num momento de crise, não há como os mediadores manterem-se totalmente alheios, distantes afetivamente dos leitores. Toda semana temos como prática proporcionar um local onde a situação de leitura possibilite a manifestação subjetiva. Isso acontecia facilmente com os filmes, percebemos que quando líamos literatura, reivindicava-se uma relação de identificação direta com as personagens e seus sentimentos ali representados.



O sujeito deve ser considerado no momento da leitura em suas dimensões complexas ou simbólicas, pois ele pode emergir através de personagens, temas e construção poéticas. Segundo Jouve, “as emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.” (JOUVE, 2002, p.19)

Depois de contar um pouco para vocês do nosso percurso de projeto, fico feliz em dizer que três dos nossos quatro principais objetivos estão semanalmente sendo cada vez mais alcançados: 1. Favorecer o acesso à leitura literária; 2. possibilitar o fortalecimento da subjetividade por meio de atividades criativas de leitura e expressão verbal e não verbal; 3. possibilitar a formação de perspectivas de vivência cultural e afetiva por meio do letramento literário; e o quarto que constatamos ser o mais difícil de tocar quando pensamos numa programação social, contribuir para que tenham a oportunidade de vislumbrar destinos diversos daqueles que lhes foram impingidos por força das desigualdades sociais. Digo que é “difícil de tocar”, pois forças externas reafirmam todos os dias o local a que cada sujeito é submetido na sociedade, e quando esse papel é de alguma maneira marginalizado ou estigmatizado, os discursos se internalizam fortemente nesses sujeitos. Encaramos todos os dias jovens naturalizarem discursos que de alguma forma as consideram menores, ou com menores chances, menos capazes, e as leituras de literatura têm criado momentos ricos para reconfigurarmos essas programações sociais.

CONCLUSÃO

Atualmente estamos num processo em que as abrigadas criam suas próprias narrativas. Nosso objetivo é produzir um livro em que elas se encarem também sujeitos tão fascinantes e importantes quanto as personagens com que elas se encantam. Quando se trata de leitura e arte, devemos abandonar todas as nossas caixinhas preconcebidas, cheias de certezas e métodos. Minha conclusão nunca será totalmente

finalizada, a cada semana que entro no lar, saio com uma nova conclusão, e espero que ela nunca esteja finalizada.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- PETIT, Michele. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

